



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais

Culturas, leituras e representações

1

MULHER TORCEDORA: APONTAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA PRESENÇA FEMININA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL EM BELO HORIZONTE/MG

Priscila A. F. Campos

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

O futebol é um fenômeno sociocultural e, como tal, presente no cotidiano de homens e mulheres através da transmissão de valores e normas sociais. Levando-se em consideração o âmbito da festa e do encontro, nas arquibancadas uma grande quantidade de pessoas contribui para a realização desse espetáculo esportivo. Essas pessoas podem ser denominadas como espectadores ou torcedores, e, dentro desse grupo, a presença de mulheres sempre chamou a atenção. O presente estudo objetiva discutir as representações e apropriações das mulheres torcedoras de futebol da cidade de Belo Horizonte/MG, na sua vivência de lazer em estádios de futebol. Para tal, utilizamos reportagens jornalísticas e fotografias publicadas na cidade de Belo Horizonte, no início do século XX, e entrevistas semi-estruturadas para compreender os sentidos que o torcer tem para essas mulheres na atualidade. As fontes apontam que as mulheres sempre estiveram presentes nas arquibancadas dos estádios. E nesse espaço, as 'gentis senhorinhas' sempre foram bem vistas, pois davam um ar elegante, belo e tranquilo ao esporte que se iniciava. No entanto, encontraram dificuldade de legitimar o seu torcer, com base na premissa de que mulher não entende de futebol e que estádio não é local de mulher.

Palavras-chave: Futebol. Torcedora. Mulher. Lazer. Gênero.

Introdução

Sabe-se que o futebol, para grande parte da população brasileira, é um referencial de lazer, tanto na possibilidade do jogo quanto da assistência e manifesta-se como uma linguagem da sociedade, sendo um fenômeno sociocultural. Como tal, está presente no cotidiano de homens e mulheres, adultos e crianças, jovens e idosos através da linguagem, do consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico, da transmissão de



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

2

valores e normas sociais, ou ainda na rede de sociabilidade e significados que se cria a partir do jogo.

Levando-se em consideração o âmbito da festa e do encontro, nas arquibancadas uma grande quantidade de pessoas contribui para a realização desse espetáculo esportivo. Essas pessoas podem ser denominadas como espectadores ou torcedores, e, dentro desse grupo, a presença de mulheres sempre chamou a atenção.

Dessa forma, o presente estudo objetiva discutir as representações e apropriações das mulheres torcedoras de futebol da cidade de Belo Horizonte/MG, na sua vivência de lazer em estádios de futebol, durante o início do século XX e decorrer dos nossos dias. Para tal, utilizamos reportagens jornalísticas e fotografias publicadas na cidade de Belo Horizonte/MG, no início do século XX, e entrevistas semi-estruturadas para compreender os sentidos que o torcer tem para essas mulheres na atualidade.

Sabe-se através da historiografia que no Brasil, até a *Belle-Époque*, período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, os homens e mulheres da elite estavam separados entre o espaço privado e o público. Nesse contexto, cabia a mulher o espaço privado, da casa, caracterizado pelo trabalho doméstico, escondido e vergonhoso, monótono que constava da criação dos filhos, de levar o lixo para fora, de arrumar, passar, cozinhar, cuidar do marido. Ao homem cabia o espaço da rua, do público, do descontínuo; trabalhos que marcavam a ruptura do curso comum da vida, da produção intelectual, econômica e o tempo do lazer (BOURDIEU, 1995; DeSOUZA *et al*, 2000).

Com a industrialização e a urbanização, a mulher, aos poucos foi ocupando o espaço público (SEVCENKO, 1992; DeSOUZA *et al*, 2000). Nesse tempo de nascimento da modernidade e de rompimento com o arcaico, segundo Mourão (2000), a mulher brasileira iniciou o seu processo de inserção no espaço público, buscando o conhecimento e reconhecimento dos seus direitos.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

3

Em Belo Horizonte¹ esse processo também ocorreu. Nos primeiros anos, os moradores dessa nova capital não tinham o costume de sair à rua. Só lentamente Belo Horizonte vai cedendo aos poucos ao espírito moderno e aos valores cosmopolitas do início do século XX influenciados pelas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que, por sua vez, eram influenciadas pela Europa, principalmente a França.

A rua passa a exercer mais influência sobre os seus habitantes, em contraposição às formas de lazer doméstico identificadas com passado ouro-pretano. (...) A sociedade nascente da Capital, buscava hábitos e costumes das metrópoles, que ofereciam a referência da modernidade imaginada para cidade (RODRIGUES, 2001, p.6).

No entanto, a entrada da mulher no espaço público não foi e ainda não é hegemônica, visto que em alguns campos sua presença ainda causa estranhamentos.

Um desses espaços é o campo esportivo. De acordo com Dunning (1992, p.390), o “desporto, tradicionalmente [é] uma das mais importantes áreas reservadas masculinas, e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento de estruturas patriarcais”.

O futebol, fenômeno moderno, desenvolvido nas *public schools* da Inglaterra em meados do século XIX, enquanto esporte carrega todos os valores atribuídos ao esporte. Sendo assim, pode ser considerado um combate civilizado capaz de gerar um equilíbrio entre tensão e excitação e também uma importante fonte de validação dos atributos hegemônicos de masculinidade: força, violência e virilidade (DUNNING, MAGUIRE, 1997).

No Brasil, o futebol chegou ao final do século XIX e existem algumas versões sobre seu surgimento. A mais conhecida é a versão de que Charles Miller teria sido o responsável por introduzi-lo em nossa cultura. No entanto, o único fato que se tem consenso é que o futebol tão logo chegou ao Brasil foi apropriado pela elite, carregando os seus valores (MELO, 2000; PEREIRA, 2000).

¹ Belo Horizonte foi uma cidade planejada para ser a sede da Capital de Minas Gerais e foi inaugurada em dezembro de 1897. Seus planejadores tinham o ideal republicano: ruptura com o passado (simbolizado pela até então capital Ouro Preto) e início de um novo tempo que preconizava a modernização (RODRIGUES, 2001).



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

4

Em Belo Horizonte, até 1904, a prática esportiva não era muito difundida. E, assim que o futebol foi apresentado, em 1904, a nova sociedade que se formava na atual capital mineira e logo foi incorporado por “um grupo social mais restrito que gozava de algum prestígio na cidade” (RIBEIRO, 2007, p.52). E, poucos meses depois, havia sido criada a primeira liga de futebol na nova capital, no campo do Prado Mineiro. De acordo com Ribeiro (2007, p.53), “os jogos já possuíam um público assistente: distintos *sportsmen* e as *gentis sportswomen*.”

Dessa forma, dentro deste universo masculino – o esporte e por consequência o futebol – as mulheres ficaram limitadas a assistência. Sobre elas, os jornais do início do século XX valorizavam a presença feminina nas arquibancadas. “As arquibancadas achavam-se repletas do que há de mais selecto em nosso meio social e as *gentis senhorinhas* que alli se viam, muito concorreram para dar uma nota elegante e alegre ao ‘*match*’” (RIBEIRO, 2007, p.79). Nesse sentido, o futebol era um divertimento capaz de congrega a elite da capital mineira, exigindo um vestuário e uma postura adequada.

Percebe-se que dentro deste contexto, mesmo no espaço resumido das arquibancadas, a mulher procurava inserir-se no cenário futebolístico, exclusivo dos homens.

O futebol não era um esporte desconhecido e estranho no universo de lazer das mulheres. Sair de casa, ir para a rua, para o jogo e, assim, ter a possibilidade de convívio, de se colocar além da fronteira do permitido era, de acordo com Moura (2003, p.21), “barganhar atitudes e posições com o universo futebolístico masculino.”

No entanto, comumente estava associada à presença da mulher na arquibancada a questão do flerte. Ainda de acordo com Moura

flertar com os jovens das arquibancadas e tratar os próprios jogadores como objeto de desejo poderiam apontar um certo posicionamento diferente do habitual, que vê as mulheres, ainda hoje, como passivas perante a sociedade e o futebol (*idem*, 2003, p.21).



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

5

Verifica-se, através desses discursos, que o papel social atribuído a mulher no contexto do futebol foi o de incentivadoras dos clubes e dos *sportsmen* de sua preferência. Isto é, elas poderiam ser consideradas ornamentos da prática esportiva masculina, através da sua assistência.

O tempo passou e houve a necessidade de construção de um local mais adequado a prática do futebol em Belo Horizonte. Sendo assim, em 1959 foi criado o projeto para a construção do Estádio Minas Gerais. Em 1965, o projeto foi concluído e a cidade passou a contar com o segundo maior estádio do Brasil. O estádio Governador Magalhães Pinto – o Mineirão –, nome pelo qual passou a ser oficialmente conhecido – e popularmente reconhecido, respectivamente – tornou-se referência no cenário mundial e foi palco de importantes jogos (SANTOS, 2005).

A presença feminina também era registrada nessa nova opção de lazer da população mineira:

Duas características do novo estádio atraíam a presença feminina: segurança e conforto. A mulher mineira, que sempre acompanhou os jogos futebolísticos realizados na capital, tinha, agora, um estádio que permitia sua presença sem os conhecidos problemas dos outros estádios de Belo Horizonte. E a presença feminina já foi notada logo na inauguração do Estádio Minas Gerais: E as mulheres em campo? Que coisa boa é ter mulher em campo. Com suas calças compridas, seus gritos inofensivos, feminis, e, sobretudo beleza, que não faltou em nenhum momento. Vieram dar colorido que faltava em campo de futebol (SANTOS, 2005).

Porém, será que todas as mulheres que frequentavam o estádio iam ou vão (só) com esse interesse, ou seja, o de admirar os jogadores? Será que só eram (são) importantes para abrilhantar o espetáculo? Será que elas não se interessam pela dinâmica do jogo? Ou será que os seus conhecimentos sobre a dinâmica do jogo e o seu pertencimento clubístico não poderiam ser expressos?

Atualmente, estamos realizando um estudo que tem como um dos objetivos saber quais são os motivos que fazem com que as mulheres frequentem o estádio de futebol na cidade de Belo Horizonte. Pretendemos, com esse estudo, dar voz a essas mulheres que



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

6

frequentam o estádio de futebol e fazem do futebol o seu momento de vivência de lazer. Afinal, a presença da mulher no futebol está marcada em vários espaços (crônicas, poemas, fotos, cinema...), porém poucos os que procuram compreender a mulher enquanto torcedora e as relações e tensões que se estabelecem por trás disso.

Nesse sentido, de acordo com relatos coletados durante o decorrente ano, a partir de entrevistas semi-estruturadas (n=14), as mulheres foram unânimes ao afirmar que frequentam o estádio porque gostam e porque querem estar ali torcendo e incentivando o seu time do coração. Também afirmaram que estão ali porque gostam de futebol e para se divertirem, aliviando as tensões do dia a dia.

Porque eu gosto mesmo. Eu gosto. Eu gosto de estar lá vibrando, eu gosto de xingar, porque não sou de xingar em casa. É um lugar que parece que a gente desabafa, igual eles falam, desestressa, eu não tenho isso comigo, mas... eu gosto de ver a torcida. Eu acho legal, eu gosto do Mineirão. Falou que tem jogo, tô dentro. (ENTREVISTA 5)

Como pode ser observado através desses apontamentos, as mulheres possuem, sim, um pertencimento clubístico e encaram o torcer como possibilidade de lazer, tendo uma postura ativa perante o futebol, não sendo simplesmente um ornamento dessa prática esportiva. De acordo com Marcellino (1996), uma atitude ativa perante o lazer é aquela em que o sujeito não consome o produto apenas, mas se interage com ele, o compreende, o aprecia e o explora, podendo até, recriá-lo.

Outro fator que chama a atenção é o fato de poder falar palavrão no estádio. De acordo com Daólio (1997) o estádio se transformou em um local no qual se permite expressões e atitudes que só são possíveis neste contexto, isto é, atitudes repreendidas numa sociedade, como é o caso de xingamentos, palavrões e atitudes de violência, são permitidas dentro do estádio e vistas como “normais”. De acordo com o referido autor, no caso das mulheres este contraste entre o permitido e o proibido se torna ainda maior, já que a imagem que a sociedade tem delas é a de uma pessoa delicada e cumpridora de boas maneiras.



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

7

No entanto, essas mulheres ainda encontram dificuldade de legitimar o seu torcer, igual no início do século, com base na premissa de que mulher não entende de futebol e que estádio não é local de mulher.

Isso é fruto da imagem construída da mulher e do homem na sociedade. De acordo com Louro (1997), não se refere apenas as características sexuais, mas a tudo o “que se diz ou pensa sobre elas, tudo o que se representa, valoriza ou desvaloriza que, efetivamente, constitui o masculino e o feminino numa dada sociedade e num dado contexto histórico” (*idem*, 1997, p.68).

Segundo Louro (1997), ao longo dos tempos, as diferentes comunidades, por meio de suas instituições e práticas, construíram modos diversos de conceber e lidar com o tempo e o espaço. Instituíram o tempo do trabalho e o tempo do lazer, o espaço público e o espaço privado; além de apontar as formas adequadas para cada pessoa ocupar esses tempos e espaços. Essas concepções e práticas foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, aparentemente, “naturais”.

Nesse processo de naturalização das práticas cotidianas foi aceito e afirmado que o local da mulher é nas arquibancadas torcendo e embelezando o espetáculo esportivo. Ainda hoje essas práticas são confirmadas através dos concursos de beleza para se eleger a torcedora mais bonita – de acordo com a opinião masculina -, a ausência de registro da trajetória sobre o futebol feminino no Museu do Futebol (MORAES, 2009), a não valorização das opiniões das jornalistas sobre os lances do jogo, enfim...

Dessa forma acreditamos que a problematização e o entendimento de todas essas questões levantadas é importante para compreender a presença da mulher nos estádios enquanto *cidadã* que faz parte de uma rede de sociabilidade gerada por um pertencimento clubístico e também para a formulação de políticas públicas inclusivas na área do lazer e do esporte que possibilite um acesso diversificado desse segmento da população a esse bem cultural que faz parte da identidade de brasileiros e brasileiras.

Referências



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

8

DAÓLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. In: _____. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: UNICAMP, 1997, p.111-118.

DeSOUZA, Eros; BALDWIN, John R. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13, n.3, p.485-496, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, p.133-184, 1995.

DUNNING, Erik. O desporto como uma área masculina reservada. In: ELIAS, Norbert; _____. *A busca da excitação*. Difel, 1992, p.389-412.

DUNNING, Erik; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, n.2, p. 321-348, 1997.

LOURO, Guacira L. Construção escolar das diferenças. *Anais do IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer*, Belo Horizonte: UFMG, 1997, p.68-76.

MARCELLINO, Nelson C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MELO, Victor A. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo C. R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.11-28.

MOURA, Eriberto J. L. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização. *Movimento*, n.13, p.5-18, 2000.

MORAES, Enny V. O museu do futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil? *Recorde: Revista de História do Esporte*, v.2, n.1, 2009. Disponível em < http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N1_2009_22.pdf >. Acesso: 31 ago. 2009.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Raphael R. *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. Dissertação (Mestrado)



II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

9

em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita A. A. A Cidade e o Lazer: modernidades na cultura de Belo Horizonte. *Anais XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Caxambu, 2001. Disponível em < <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/228.pdf> >. Acesso: 10 out. 2008.

SANTOS, André C. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. *Lecturas, EF y deportes*, n.86, 2005. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm> >. Acesso: 31 ago. 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.